

Micropolíticas Juvenis de Visibilidade Comunicacional e Midiática numa Comunidade Periférica em Porto Alegre¹

Deisimer Gorczewski²
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Resumo

Estudo os processos de visibilização de um segmento das minorias – a juventude, sendo que desta população interessam, em especial, os produtores e gestores de mídias comunitárias e alternativas. Para além de diagnosticar o cenário de expropriação humana, social e cultural dos que vivem o estigma do preconceito e da indiferença na pele, este trabalho questiona de que modo, no interior destas micromáquinas de produção de subjetividade, os jovens produzem sentidos, fatos e afetos, construindo micropolíticas³ de visibilidade comunicacional e midiática. Este percurso analítico vem fornecendo algumas pistas, apresentando as in(ter)venções juvenis como potência instituinte, ou seja, aquilo que tem potencialidade de perturbar e desestabilizar modos de ação já recorrentes na comunidade.

Palavras-chave: Minorias; juventude; micropolíticas; mídias; visibilidade

Visibilidade e invisibilidade humana e social

No nosso cotidiano, são midiaticizados distintos modos de ser e parecer jovem. As imagens de um segmento das minorias – a juventude – explicitam determinado discurso a respeito das expectativas de nossa época, marcada por padrões de consumo no contexto da ordem econômica e traduzida por formas estabelecidas de adentrar um determinado mundo globalizado. Neste cenário, os jovens encontram-se em uma posição de extrema ambivalência, pois são apresentados como modelo estético e força motriz da economia de mercado, ao mesmo tempo em que são considerados os que perturbam e ameaçam a ordem pública. Enquanto determinam a moda e movimentam o comércio de bens de consumo, também aparecem entre os transgressores, ocupando as agendas midiáticas, principalmente, nas páginas policiais, como agressivos, delinquentes, assassinos ou, ainda, como “coitadinhos”, vivendo em situação de risco e vulnerabilidade social, vítimas da dinâmica criminal.

A condição juvenil está marcada por desigualdades de ordens distintas, no conjunto do campo social, cultural e midiático⁴. Os jovens convivem diariamente com diferentes

¹ Trabalho apresentado ao NP 13 – Núcleo Comunicação e Cultura de Minorias, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Deisimer Gorczewski é mestre e doutoranda em Ciências da Comunicação pela Unisinos, RS. Bolsista do CNPq, aluna-pesquisadora do PPG de Ciências da Comunicação da Unisinos, RS. Educadora Social com Especialização em Metodologia do Trabalho Comunitário pelo IPA-IMEC, em Porto Alegre, RS. deisimer@uol.com.br

³ Uma “micropolítica” é vista como a ação política que acompanha a proposta analítica da Esquizoanálise (Deleuze, 1998, 1992; Guattari, 1992; Guattari e Rolnik, 1996).

⁴ Em se tratando do campo midiático, pesquisas demonstram profundas distorções na condição juvenil. Um exemplo está relacionado ao modo como o jovem aparece nos jornais de Porto Alegre. Pesquisadores constataram que a criminalidade juvenil é hiperdimensionada, ou seja, o jovem aparece numa relação inversa ao que as estatísticas têm demonstrado no

formas de estigmatização que dificultam e enfraquecem as experiências nos espaços coletivos. A limitação das opções de convívio e interação em diferentes domínios da existência, entre outros fatores, tem provocado o não-reconhecimento, até mesmo o apagamento, de modos de vida múltiplos e heterogêneos em nossa sociedade (Maraschin, 2005). O sentido profundo de um tipo de “invisibilidade humana e social”⁵ que atravessa a vida e a morte de inúmeros jovens vem norteadando a problemática desta pesquisa.

Para Arendt (1989), a presença do outro que vê o que vemos e ouve o que ouvimos é o que nos garante a realidade do mundo e de nós mesmos. Nesse sentido, simbolicamente falando, podemos entender “visibilidade” como a realidade compartilhada, provocando assim um tipo de deslocamento do conceito de visibilidade, ou seja, a intenção é não vincular o termo apenas à valorização da auto-estima, do reconhecimento e do reforço narcísico, mas observá-lo como um movimento que se dá também na contramão do narcisismo, pois, quanto mais ampla a extensão da “praça pública”, imagina-se que menor seja a necessidade de narcisismo.

Visibilidade também consiste no enlace do “outro” e, nesse sentido, o outro precisa estar disponível. Construimo-nos na relação com o outro, no ato da distinção, e esse outro pode não ser um outro encarnado, e sim, por exemplo, as tecnologias – a construção social das tecnologias, ou ainda, a palavra que usamos. No entanto, estamos vivendo a retração do espaço compartilhado, nos moldes do que Arendt (1989) descreve e, ao mesmo tempo, presenciemos a confluência do olhar para a tela da tevê e, mais recentemente, do computador. Estes são “os outros”, na atualidade, são os espaços que estão assumindo o lugar das “praças públicas”.

Considerando que a mídia vem estrategicamente desempenhando o papel de dar visibilidade e sentido aos inúmeros acontecimentos e grupos na sociedade, observamos que ela também, cada vez mais, evoca para si o lugar de agenciadora dos conflitos sociais. De certo modo, isso ocorre sob o respaldo da crise que vivenciamos, possivelmente, pela fragilidade da representação pública. No reforço desta análise, encontro alguns autores que relacionam a centralidade das mídias à ineficiência dos poderes públicos para solucionar problemas básicos, como saúde e educação (Barbero,2003; Fausto Neto,1999). Aproveitando

Brasil. Para cada adolescente que pratica um homicídio, cinco morrem como vítimas de homicídios. Mais detalhes: “Criminalidade e notícias nos Jornais de Porto Alegre”. Henn e Oliveira. Relatório de Pesquisa. Unisinos/RS. 2003. Na esfera nacional, a Agência de Notícias dos Direitos da Infância – ANDI, desde 1997 vem pesquisando as temáticas: juventude e a mídia. <http://www.andi.org.br>.

⁵ O tema da “visibilidade-invisibilidade juvenil” vem sendo problematizado desde a pesquisa em nível de mestrado em Ciências da Comunicação. “O Hip-Hop e a (In)visibilidade no cenário midiático”. (Gorczewski,2002). Outras importantes referências são os estudos de Hannah Arendt (1989); Soares (2001; 2004) e Henn e Oliveira (2003).

essa crítica, acrescento à lista questões relacionadas à juventude, à segurança pública e aos direitos humanos, que ocupam diariamente a agenda midiática.

Ao identificarmos uma certa predominância da lógica midiática na vida em sociedade, podemos observar esse processo revigorando também diversas modalidades midiáticas. Destaco, especialmente, as mídias de cunho comunitário e alternativo, por considerá-las como importantes intercessores de um tipo de inserção humana e social. A mídia comunitária se refere a um tipo particular de comunicação na América Latina. Inicialmente, ficou conhecida como “comunicação alternativa”, sendo que também recebeu outros nomes como “comunicação participativa, comunicação horizontal, comunicação popular” (Peruzzo, 1998,2003)

No decorrer dos anos, essa modalidade comunicacional foi multiplicando sua inserção, “a imagem ganhou um novo espaço, e a produção de audiovisuais, cartazes e filmes readquiriu nova força, adaptada às conquistas do próprio avanço das formas populares” (Festa, p.28, 1986). Nos estudos de Peruzzo (2003), a mídia comunitária aparece como:

aquela gerada no contexto de um processo de mobilização e organização social dos segmentos excluídos (e seus aliados) da população com a finalidade de contribuir para a conscientização e organização de segmentos subalternos da população, visando superar as desigualdades e instaurar mais justiça social (2003, p. s/n).

De acordo com Melucci (2001), os movimentos contemporâneos, entre eles a cultura juvenil, tendem ao aguçamento das formas de mobilização na esfera cultural. Para o autor, os jovens só se tornam atores políticos com a identificação de um campo de conflitos e com a presença de elementos acionados pela conjuntura. Nas “sociedades complexas” (Melucci, 2001) as ações do sistema comunicacional evidenciam situações de conflito com profundas ambivalências. A comunicação torna-se um “dever”, ou seja, uma imposição do sistema, ao mesmo tempo que é por ele empobrecida, ou seja, “a ação do sistema se manifesta também através da atomização das relações pessoais, a standardização das mensagens, a negação de uma comunicação cultural e efetivamente rica” (Melucci, 2001, p.104).

Diante deste paradoxo, a cultura juvenil “afirma as necessidades comunicativas, mas reivindica também o direito de decidir quando e com quem comunicar-se” (2001,p.104). Melucci acrescenta em sua análise que “a função [do jovem] no conflito é a de provocar a visibilidade do poder, obrigando-o a tomar forma” (2001, p. 123). Para Diógenes (1998), o que parece mobilizar a juventude atualmente são aspectos relacionados ao reconhecimento público, ou seja, um tipo de investimento na diferença, aliado ao “desejo de impactar, de provocar contrastes, marcas definidoras de ‘existência social’” (1998. p103).

Estas afirmações problematizam questões pertinentes aos modos de atuar dos jovens. Partindo de diferentes ângulos, ambas analisam as estratégias juvenis na contemporaneidade, sendo que, na primeira, o jovem emerge como um possível “ator de conflito” e, na segunda, o que o sensibiliza para a ação são aspectos identitários, ou melhor, características de autoafirmação que singularizem e evidenciem a sua própria existência. De modo geral, parece que os jovens estão deixando de ser vistos somente como objetos de pesquisa e demandantes de ações, para serem encarados como protagonistas das mesmas.

A pesquisa em andamento⁶, investiga as in(ter)venções⁷ juvenis em mídias audiovisuais numa comunidade periférica, considerando que, para além de produtores e gestores de mídias comunitárias e alternativas, estes jovens constroem ‘micropolíticas de visibilidade comunicacional e midiática’. A configuração das ‘micropolíticas de visibilidade’ vem sendo analisada à luz dos estudos de Matta (1999). Inspirada nas leituras de Veron, a autora afirma que a mídia não atua simplesmente deslocando sentidos adicionados às mensagens, ou como espaços de interação no domínio de produtores e receptores, mas sim como “marca, modelo, matriz, racionalidade produtora e organizadora de sentido” (Matta, 1999:56). A cultura midiática vem, na verdade, constituindo um novo modo de descrever as interações, uma outra forma de estruturação das práticas sociais, marcada pela existência dos meios.

Sabemos que o desejo de visibilidade não é exclusivo do jovem, muito menos do jovem que vive na periferia. No entanto, neste estudo interessa questionar quais são as peculiaridades do desejo deste segmento da população. E, neste sentido, opero o conceito de “micropolíticas”, compreendendo-o como “a questão de uma analítica das formações do desejo no campo social” (Guattari e Rolnik, 1996,p. 127). Se pensar em “micropolítica” nos remete, primeiramente, a um conceito pautado pela contraposição ao termo macropolítica, no caso desta pesquisa, além do uso corriqueiro e dicotômico, estaremos trabalhando com os estudos na perspectiva da Esquizoanálise. Para Deleuze (1998), a questão das “micropolíticas” se justifica no modo como cruzamos o nível das diferenças sociais mais

⁶ Trata-se do projeto de pesquisa no doutorado, onde o objetivo principal é analisar as estratégias de visibilidade presentes nas in(ter)venções juvenis em mídias audiovisuais e nos produtos videográficos, na perspectiva de reconhecer os processos de subjetivação e a incidência das políticas públicas na configuração de micropolíticas de visibilidade comunicacional e midiática, num contexto comunitário; Pós-Graduação de Ciências da Comunicação – Unisinos.

⁷ Compreendo o termo “in(ter)venção” relacionado às práticas que buscam interferir em “algo” – aqui definido como os espaços e as modalidades de mídias – com o objetivo de perturbar seu desenvolvimento e, desse modo, reinventá-lo. São práticas comunicacionais constituídas no exercício do poder, pois inserem autoridade, evocam opiniões, idéias, produzem e agenciam informações e conhecimentos. Na pesquisa, interessa analisar as estratégias juvenis, seus modos de intervir e inventar conhecimento de si e do mundo, ambos considerados indissociáveis (Maturana, 1999). Esse processo vem se mostrando como resultado do encontro, da conversa, da confrontação, da tensão entre sujeitos e objetos, ou seja, os jovens e suas in(ter)venções em mídias audiovisuais.

amplas, sem forçar uma análise das contradições com as camadas mais flexíveis (reduzidas, muitas vezes, ao universo do mais íntimo, o mais pessoal), que transversalizam tanto as sociedades, os grupos, quanto os indivíduos.

Nesta breve introdução, procurei sistematizar aspectos que compõem a problematização da pesquisa em andamento e, a seguir apresento aspectos do contexto social das minorias, onde situo especificamente, aspectos relativos a condição juvenil.

O contexto social e a condição juvenil

Este estudo, apresenta um cenário preocupante relacionado à minoria, principalmente, os jovens brasileiros. Nos últimos anos, o país vem acumulando uma enorme dívida social. Em diversos estudos, constata-se que a violência, em suas múltiplas dimensões, vem caracterizando a experiência da infância e da juventude brasileira⁸. O Brasil entra no século XXI com uma das maiores populações juvenis do mundo, ou seja, 31,8% do total de habitantes do país (IBGE, 2001), sendo que o coeficiente de mortalidade por homicídio na faixa etária de 15 a 24 anos só é comparável à situação de países que se encontram em conflito aberto (Soares, 2004; Pochmann, 2004).

Num contexto, de certo modo, distinto e complexo, situo Porto Alegre. Primeiramente, por sua importância política e social – a cidade é considerada modelo de cidadania e participação popular no Brasil. Neste espaço geográfico-simbólico coexistem profundas ambivalências. Ou seja, ao mesmo tempo em que a cidade conquistou reconhecimento nacional e internacional por suas políticas de expansão dos códigos sociais⁹, ainda convive com zonas de extrema vulnerabilidade social¹⁰. Entre seus aproximadamente 1.400.000 habitantes, os jovens representam 17,6%. Entre 1991 a 2000, apresentou um aumento de 43,3% no índice de homicídios. No entanto, houve um decréscimo, passando da 8ª posição no país, em 1991, para a 11ª, em 2000¹¹.

Entre os diversos bairros, resalto a importância da Restinga, para a pesquisa, principalmente por apresentar um cenário próximo ao encontrado na análise da capital, resguardando-se as devidas proporções. Localizada na região sul da cidade, figura entre os

⁸Mapa da Violência – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, 2004. Projeto Juventude – Instituto da Cidadania, 2004, entre outras pesquisas.

⁹Em termos de políticas públicas para a juventude, Porto Alegre inaugurou uma “(...) abertura institucional para a presença jovem nas várias etapas que marcam a discussão e implantação do Orçamento Participativo”. Sposito, Marília e Carraro, Paulo. Juventude e Políticas Públicas no Brasil. 1998.Recentemente, foi criada a Secretaria da Juventude.

¹⁰Detalhes do contexto porto-alegrense e, em particular, do bairro Restinga, em Soares (2001) e Tavares (2003).

¹¹Como na maioria das cidades brasileiras, os dados quantitativos e qualitativos relativos à violência e criminalidade são precários. Na pesquisa, questiono estes dados e analisando criticamente também os modos como são alardeados e difundidos.

bairros mais populosos, com uma variação que vai de 53.764 mil habitantes (IBGE.2000) a 140 mil habitantes¹², ou seja, existem muitas controvérsias, pois, como os dados são medidos nos mapas oficiais, não constam as inúmeras e constantes ocupações. Na média, a Prefeitura trabalha com 100.000 moradores, sendo que mais da metade constitui-se em jovens e adolescentes.

Numa passagem pela contextualização histórica, identificamos algumas marcas construídas no processo desencadeado pelo Estado brasileiro em plena ditadura militar. Em Porto Alegre, o projeto “Remover para Promover” deslocou famílias inteiras que moravam em pequenas vilas, em áreas centrais, para uma região distante 22 Km do centro da capital. Toda a sua formação foi marcada pela falta de acesso de seus habitantes aos direitos básicos. Quarenta anos depois, muitas das restrições continuam (problemas de saúde, saneamento, energia, regularização fundiária, emprego, moradia) e outras tantas foram surgindo (falta de escolas, segurança, equipamentos culturais, como cinema, teatro, bibliotecas, entre outros).

Para fins de estudo em políticas públicas, a Restinga integrou um conjunto de quatro regiões do município que apresentaram a maior vulnerabilidade social (Tavares,2003). O bairro convive com o estigma de zona de tráfico e violência. No entanto, a comunidade também é generosa em manifestações culturais, participação e engajamento de suas lideranças juvenis e comunitárias em diversas ações, inclusive, no acolhimento à criança e ao adolescente, especialmente através das produções culturais e midiáticas.

O envolvimento com o perigo e a agressão consigo e com o outro têm constituído a visibilização dos modos de viver de inúmeros jovens do bairro. Na tese de Soares (2004), esse processo decorre principalmente da força do “preconceito e/ou indiferença” da sociedade, atingindo especialmente os jovens pobres e, mais especificamente, negros. No entanto, habitar a contemporaneidade revela a preocupação em contextualizar a experiência destes jovens não apenas como um segmento de tal bairro ou categoria institucionalizada, mas como produção social que estabelece os lugares geográficos e simbólicos da invisibilidade/visibilidade social.

Para além de diagnosticar o cenário de expropriação humana, social e cultural da minoria juvenil que vive o estigma do preconceito e da indiferença na pele, este trabalho – tendo como recorte a análise dos processos de visibilização de um dos segmentos desta população como produtores e gestores de mídias comunitárias e alternativas – questiona de que modo, no interior destas micromáquinas de produção de subjetividade, os jovens

¹² A mídia, especialmente o Jornal Zero Hora, já anunciou números que variam entre 130.000 e 140.000 habitantes.

produzem sentidos, fatos e afetos, construindo micropolíticas de visibilidade comunicacional e midiática.

Jovens produtores e gestores de micropolíticas de visibilidade

Pesquisar o processo de produção de subjetividade juvenil, focalizando suas intervenções nos espaços da mídia, sugere a emergência de temáticas ainda pouco investigadas na área de Ciências da Comunicação. Nesta perspectiva, encontrei alguns estudos que problematizam as estratégias de midiática da juventude, bem como o jovem como receptor-produtor de sentidos frente às estratégias midiáticas (Fischer,1996; Gomes e Cogo, 1998; Borelli e Rocha,2004). Porém, se pensarmos um outro tipo de protagonismo juvenil, ou seja, os jovens vistos como produtores e gestores de mídias, deparamo-nos com uma escassez de pesquisas acadêmicas, sendo ainda mais raros os estudos que analisam as intervenções juvenis em mídias audiovisuais.

Os jovens que vivem nas periferias das grandes cidades brasileiras estão se tornando criadores, produtores e gestores de mídias, inclusive, as mídias audiovisuais. Esta afirmação parte da análise de experiências sociais e projetos de extensão¹³, em eventos nacionais e internacionais¹⁴, bem como da pesquisa acadêmica (Gorczewski, 2000, 2002, 2005). Também encontrei alguns estudos que problematizam as estratégias juvenis na produção e gestão de mídias comunitárias e alternativas, em particular, modalidades audiovisuais (Barbalho, 2004; Fialho, 2003; Filé, 2000; Cogo e Silva, 1995).

Para além do encantamento juvenil com as tecnologias de imagem, configuram-se práticas e usos que podem gerar processos produtivos e inventivos de subjetivação, ou seja, ao produzirem imagens e sonoridades, os jovens produzem a si mesmos. Atuando como construtores de micropolíticas de visibilidade, fazem circular as produções videográficas em distintos espaços coletivos, criando audiência ao compartilharem e avaliarem suas práticas comunicacionais e midiáticas.

¹³ Além dos projetos “Alguns fatos fora da ordem – juventude e política” em 1990 e 1992, junto a Central Única dos Trabalhadores e a Prefeitura Municipal de Porto Alegre e o “Capilaridade”, coordenado pela ONG – Rede em parceria com duas associações comunitárias, em 1998, venho acompanhando o Grupo Ação Periférica na Comunicação e o Fórum de Educação, desde 2001, ambos na Restinga. Na universidade, integro o Grupo de Pesquisa-Intervenção Juventude e Contemporaneidade, no Pós-Graduação de Psicologia Social da UFRGS, desde 2002. A partir de outubro de 2003, participei da equipe executora do projeto “Juventude e Vulnerabilidade Social: Oficinando com Adolescentes” do Programa de Apoio à Extensão Universitária Voltado às Políticas Públicas, da UFRGS - Edital Prorext 2003 / Sesu-MEC. Na UNISINOS, participei como docente no projeto de Extensão: Jovens Multiplicadoras de Cidadania – JM’s, em parceria com a ONG Themis, na disciplina “Juventude e Mídia”.

¹⁴ Outras duas experiências que enfatizaram a problemática “jovem-mídia”, ambas em 2004, foram: IV Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, sendo realizada pela primeira vez na América Latina, no Rio de Janeiro, Brasil, tendo como tema “Mídia de Todos, Mídia para Todos”. <http://www.riosummit2004.com.br>. E, a Conferência Internacional *Our Media* / Nossa Mídia, realizada em Porto Alegre. www.ourmedianet.org.

Investigar as in(ter)venções juvenis em mídias comunitárias e alternativas torna-se importante na medida em que estas são potenciais articuladores das relações de força que organizam a realidade social, entrelaçando experiências, poderes e saberes, com visibilidade, enunciação e agenciamento social. A escolha do audiovisual, em particular, as produções videográficas, como foco de análise se justifica principalmente por ser este considerado um sistema privilegiado de expressão da nossa cultura midiática. O vídeo se caracteriza por uma diversidade de linguagens e materiais de expressão. A composição videográfica propriamente dita guarda semelhanças com o próprio universo das culturas emergentes, em especial, as manifestações juvenis. Para Machado, a “linguagem do vídeo” opera como sendo um sistema híbrido que:

... opera com códigos significantes distintos, parte importados do cinema, parte importados do teatro, da literatura, do rádio e mais modernamente da computação gráfica, aos quais acrescenta alguns recursos expressivos específicos, alguns modos de formar idéias ou sensações que lhe são exclusivos, mas que não são suficientes, por si sós, para construir a estrutura inteira de uma obra. (1992/1993, p. 8).

Também, em meio aos jovens construtores e gestores de micropolíticas de visibilidade encontram-se híbridos entre comunicadores, artistas, ativistas políticos, oficinairos e alunos de escolas da região, que agem intervindo nos espaços midiáticos e comunitários do bairro. Eles debatem as culturas, as identidades, o meio ambiente, a violência e os meios de comunicação através da criação e circulação de fanzines, jornais escolares, manifestos, intervenções na rádio comunitária, grupos de estudo, produção de audiovisuais, grafitti, participação em diferentes fóruns, oficinas de comunicação, entre outras intervenções urbanas.

Venho reconhecendo na atuação destes jovens uma certa “autonomia”, em termos de produção e circulação em mídias comunitárias e alternativas. Autonomia, no sentido de romper com esquemas centralizadores. Não se trata de participar de um poder constituído, mas de ter um poder. Nesse sentido, este entendimento se aproxima da conceituação foucaultiana, onde a concepção relacional do poder inclui o entendimento de que o poder se exerce por relações de força, sendo que, como vimos anteriormente, na releitura de Deleuze (1992) “não basta que a força se exerça sobre outras forças, ou sofra o efeito de outras forças, também é preciso que ela se exerça sobre si mesma”(1992, p. 140)

Esse processo vem sendo fomentado por diversos fatores, desde os mais gerais, como acesso à grande mídia, aos cenários configurados pelos filmes que, recentemente, tomaram a cena urbana brasileira¹⁵, às lutas e conquistas por políticas públicas voltadas para a

¹⁵Em particular, os filmes “Cidade de Deus” e “Uma Onda no Ar”, ambos assistidos e debatidos na Restinga.

juventude, os projetos das organizações não-governamentais e universidades que atuam no incentivo ao protagonismo juvenil. No entanto, cabe frisar a importância das iniciativas singulares de diversas organizações e lideranças comunitárias e juvenis que compõem o que venho denominando de “redes de conversação”¹⁶ na Restinga.

Outro argumento, visto anteriormente, está em reconhecermos aspectos como a distância deste bairro em relação ao centro de Porto Alegre, bem como a ausência de salas de cinema, teatro, bibliotecas, etc. Nesse sentido, estes jovens improvisam e recriam formas de se manter informados produzindo e fazendo circular diversas mídias no bairro, ao mesmo tempo em que compõem suas imagens para além dos estigmas da violência, tencionando as fronteiras topográficas via os usos das tecnologias, dos multimeios na criação de sites, de vídeos que participam de mostras, oficinas de comunicação em eventos nacionais e internacionais. Desse modo, interferem também na pauta da mídia local.

In(ter)venções juvenis em espaços midiáticos desconstruindo modos de ação recorrentes

As observações das in(ter)venções juvenis em espaços midiáticos vêm sugerindo um exercício de inventividade. Os jovens envolvidos nesse processo, ao produzirem mídias, produzem a si mesmos, autopoieticamente falando (Maturana e Varela, 1995, 1997). Esse processo vem fornecendo interessantes pistas, apresentando-se como potência instituinte, ou seja, virtualmente capaz de perturbar¹⁷ e desconstruir modos de agir crônicos na comunidade.

Estas pistas foram sendo detectadas nas observações que venho realizando junto às redes de conversação ligadas à comunicação, no bairro. Um dos primeiros indícios veio nas observações durante a preparação e realização do festival de cinema Zoom CineEsquemaNovo¹⁸, que contemplou a Restinga em sua programação. Os “jovens do próprio bairro que promovem a comunicação comunitária”¹⁹ foram os escolhidos pela organização do Festival para serem os co-produtores desta primeira edição, na Restinga. Este jovens compõem o grupo Ação Periférica na Comunicação – APC, jovens que atuam como ativistas produtores e gestores de mídias comunitárias e alternativas²⁰. Eis aí o primeiro

¹⁶A acepção de “redes de conversação” se constitui na conversa a partir de encontros, ou seja, “a linguagem, como processo, não tem lugar no corpo (no sistema nervoso) de seus participantes, mas no espaço de codenações consensuais de conduta que se constitui no fluir nos seus encontros corporais recorrentes” (Maturana, 1999, p. 168).

¹⁷O funcionamento de um sistema acontece de forma contínua, até que intervém uma perturbação, que pode ter origem interna e ou externa. O efeito desta perturbação leva o estado e a dinâmica do sistema para uma nova configuração. (Maturana, 1999, p.142).

¹⁸Esse festival se encontra em sua terceira edição acontecendo, simultaneamente, na Sala PF Gastal, na Usina do Gasômetro, órgão da Secretaria Municipal de Cultura, e numa escola municipal, na Vila Restinga Velha. www.cinesquemano.org.br.

¹⁹Desse modo, o jovens foram caracterizados pelos organizadores do evento, na Revista que apresenta o projeto e a programação detalhada. Revista ZoomCineesquemanovo. Porto Alegre. 2003. p. 83.

²⁰Entre as produções midiáticas destes jovens ganha destaque o vídeo “Não estamos sós – rádios comunitárias em rede” que apresenta as rádios comunitárias no III Fórum Social Mundial e a articulação das rádios para formar a Rede Social Mundial.

fato a ser considerado, em se tratando de produção, pois a situação mais comum, até o momento, era dos jovens serem convidados para assistirem e/ou serem oficinantes.

Os co-produtores organizaram uma mostra de cinema e uma oficina de audiovisual na comunidade. Essas atividades aconteceram numa das escolas municipais localizada na Restinga Velha, uma proposição do grupo APC articulado com professores, pais e alunos. Esta in(ter)venção, por si só, desestabilizou o que denominei de “modos de ação recorrentes”. Eis aí o segundo fato, pois até aquele momento, os locais de eventos instituídos pela prefeitura e outros órgãos privados giravam em torno do Centro Comunitário Restinga, do Ginásio de Esportes e da praça pública central – Esplanada, sendo que os dois primeiros são na Restinga Nova e o último, na avenida que divide a Velha da Nova.

A escola²¹, em questão, está localizada num território geográfico-simbólico, considerado “perigoso”, inclusive pelos órgãos governamentais. Eis aí outro fato, pois pela primeira vez a Restinga Velha, neste caso, uma escola é escolhida para sediar um evento dirigido a toda a comunidade do bairro. Nessa edição, foram apresentados 104 curtas, e entre eles, escolheu-se o melhor do Júri Popular. A participação da comunidade, variou de cinquenta a duzentos espectadores entre alunos, professores, pais, funcionários e moradores.

Na oficina de audiovisual participaram cerca de vinte pessoas, em sua maioria jovens com experiência em produção e gestão de mídias, bem como alguns professores e lideranças comunitárias. Nesse processo foi produzido um vídeo denominado “Qual Cinema?”²² apresentado na noite de entrega dos prêmios no Festival. Grande parte dos jovens que participaram desta oficina, em especial, os co-produtores do Festival, também são os que, junto com outros grupos do bairro, reivindicavam a instalação do “Estúdio Multimeios”²³.

Este equipamento, desde a sua inauguração “virtual”²⁴ em 2001, vem sendo alvo de muitas intervenções e estratégias juvenis, bem como alvo de inúmeras críticas, dentro e fora do bairro. Este projeto piloto integrava o Programa de Segurança Pública para Porto Alegre, proposto por uma Equipe da consultoria²⁵, sob a coordenação de Luiz Eduardo Soares, a

²¹Esta escola é a mesma que enfrentou dificuldades para mobilizar alunos de outras regiões do bairro a participarem de uma Oficina de Jornal, em função de sua localização entre grupos rivais do tráfico de drogas e armas, na Restinga Velha. A oficina foi aprovada no Orçamento Participativo, realizado pela Secretaria Municipal de Educação 2001/2002. Na oficina, foi produzido o Jornal “Vez da Tinga” que, atualmente, já se encontra na 4ª edição.

²² O curta “Qual Cinema?” foi um dos filmes exibidos na 15ª Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo. Ele foi convidado a integrar os programas “Formação do Olhar” do festival organizado pela Associação Cultural Kinoforum.

²³ Ver artigo “Multimedia Studio rr Cultural Invention Station”. II Congres Europeu de Technologies de la Informació em L'Educaçió I La Ciutadania: Uma Visió Crítica - TIEC. Organização Universidade de Barcelona. 2002. Trabalho publicado em CD e site: <http://web.udg.es/tiec>; Versão Inglês -Roberto Cataldo Costa. Verso Tradutores www.verso.com.br.

²⁴ No dia 20 de dezembro de 2001, foi lançado o site www.portoalegre.rs.gov.br/estudioestinga.

²⁵ Integrei a equipe da Consultoria de Segurança Pública da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, coordenando os primeiros passos para a implantação do Projeto Estúdio Multimeios em dois períodos distintos, ou seja, o primeiro deles de outubro a dezembro de 2001 e o segundo, de março a julho de 2002.

pedido do governo municipal, em sua intervenção em Segurança Pública e Direitos Humanos. Após três meses de estruturação da proposta e das primeiras ações junto aos jovens produtores culturais e midiáticos da Restinga, foi apresentado à comunidade do bairro uma maquete do estúdio, bem como diversos equipamentos que constituiriam este espaço que foi denominado de “estação de invenção cultural”.

Na noite de encerramento os jovens do APC, bem como os outros participantes da oficina de audiovisual e lideranças de organizações comunitárias, surpreenderam os organizadores do evento, bem como as autoridades locais, com a denúncia – através de um Manifesto – da não efetivação de promessas governamentais na implantação efetiva do Estúdio Multimeios na Restinga. Apresento a seguir a íntegra do Manifesto lido e aplaudido, logo na abertura do evento.

Manifesto

A Restinga é um bairro da periferia de Porto Alegre que luta por tornar visível sua realidade, fugindo do estigma criado e sustentado pela mídia. São mais de 100 mil habitantes, quase uma cidade – é hora de mostrar a maioria trabalhadora e criativa, no lugar da minoria violenta. Violência esta que é tão presente na Restinga quanto nos bairros nobres, onde costuma se apresentar de formas mais sutis, com as quais acostuma-se ou finge-se não ver.

Além das críticas à violência, o que mais a Restinga recebe são projetos. Iniciativas públicas, privadas, individuais ou de grupos, movidas pelos mais diversos interesses e que, se funcionassem na prática e tivessem o mínimo de continuidade, poderiam fazer alguma diferença.

Um desses projetos é o Estúdio Multimeios – iniciativa da prefeitura de Tarso Genro que gerou grande mobilização e expectativa dos artistas da Restinga, prometendo estúdio, equipamentos de gravação para áudio e vídeo e uma sala de exibição. O estúdio não existe até hoje, apesar de ter sido inaugurado com muita pompa pelo agora Ex.mo Sr. Secretário do Desenvolvimento Econômico e Social, ex-prefeito Tarso. Ao invés disso e apesar de todo o discurso, a produção cultural continua centralizada, e o discurso popular se contradiz.

Como se vê, os projetos não funcionam na prática e são usados para promover seus criadores explorando a imagem de miserabilidade do bairro. Estamos cansados de nossa cidadania ser “resgatada” a todo instante com projetos que não passam de esmolas - governamentais ou não – reforçando a baixa auto-estima da população, gerando uma estagnação e desmobilização de todos que querem ou tentam fazer cultura no bairro. Cansamos de ser chamados de coitadinhos. Queremos exercitar a nossa própria cultura, e não importá-la.

A Restinga quer cinema, mas não é qualquer cinema. Não foi o povo da Tinga quem transformou o cinema em mercadoria enlatada vendida em shopping por dez reais e não é esse cinema que ele quer. Não basta e não funciona adaptar o cinema do shopping para a periferia. A exibição e a produção de cinema na Restinga deve respeitar as particularidades de seus moradores que construirão uma maneira de ver e filmar própria, fundamentada em sua realidade. Inclusão não significa importar para a Restinga os valores e costumes vigentes, mas permitir que os membros da comunidade possam construir e expressar os seus próprios, e que estes sejam reconhecidos como valores e costumes de fato.

Política cultural na Restinga não deve ser concessão ou consolo, muito menos promoção pessoal ou partidária. Chega de projetos pontuais que vão até a Restinga para cumprir tabela ou aliviar o peso da consciência. Chega de projetos-fantasma que fazem propaganda de graça com o nome do bairro e só existem na teoria. Projetos desse tipo só fazem desmobilizar os artistas que têm de esperar a próxima “boa ação” de terceiros para pôr seu trabalho em prática.

Ação Periférica na Comunicação - acaoperiferica@hotmail.com - www.acaoperiferica.com.br
TEMOS MEMÓRIA - ESTÚDIO MULTIMEIOS JÁ!

Neste texto, os jovens explicitam suas insatisfações com o poder público, ao mesmo tempo em que fazem a crítica aos modos como a mídia tradicional vem construindo, historicamente, a imagem desse bairro. Outro aspecto importante neste Manifesto está relacionado a concepção de cinema que interessa a esses jovens produtores e gestores de mídias comunitárias e alternativas. A construção do texto também trouxe dados importantes para pensarmos as repercussões, pois os termos e análises ali presentes chamam a atenção pela força, mesmo que revelem a dificuldade do grupo de fazer distinções entre as diversas esferas e/ou projetos por elas desenvolvidos.

No encerramento, logo após a leitura do Manifesto, o prefeito foi convidado a se pronunciar e, demonstrando constrangimento, falou da falta de recursos e anunciou seu compromisso em dar prosseguimento à implantação daquele equipamento de multimídia, na Restinga. Analisando estas in(ter)venções juvenis, encontro conexões com os estudos de Melucci (2001), citados anteriormente, sobre os movimentos contemporâneos, entre eles a cultura juvenil, observando que esta tem uma importante função no conflito, qual seja, “provocar a visibilidade do poder obrigando-o a tomar forma” (Melucci, 2001:123).

O Manifesto chamou a atenção de vários representantes da imprensa escrita, falada e de alguns programas televisivos, principalmente do Rio Grande do Sul²⁶. Foi publicado, integralmente, em vários sites²⁷, recebendo destaque na Revista Aplauso²⁸. Neste festival, também aconteceram outras manifestações juvenis com conteúdos similares ao movimento dos jovens da Restinga. Um exemplo foi o “Recado de Porto Alegre”²⁹ falando da polêmica que envolveu a política de investimentos culturais do governo federal.

Outra repercussão importante foi a reativação da implantação do estúdio³⁰, pelo menos na pauta dos governantes municipais. Com ações bastante limitadas, passou a ser coordenado por um Conselho Gestor onde a maioria dos conselheiros é de grupos da comunidade (dezesseis ao todo) e o governo conta com nove representantes. Além de reuniões periódicas, os gestores organizaram um conjunto de quatro oficinas para debater a

²⁶ O Jornal Zero Hora de 12.05.2003 e, no mesmo dia, a TVE e a Rádio Cultura FM, noticiaram este episódio.

²⁷ Entre outros “Cerimônia de encerramento foi marcada por protestos”. <http://planeta.terra.com.br> Martini, Priscila. Acesso em 13.06.2004; “Estúdio Multimeios - Restinga II” <http://brasil.indymedia.org> Acesso em 17/03/2004. “Interesse Público: Restinga, Porto Alegre. Manifesto cobra projeto de comunicação”. Miguel. Maria Fernanda Fagundes <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/arquivo/inde17062003.htm>. Acesso em 24.10.2004.

²⁸ Revista Aplauso. Matéria de Capa “A periferia não quer esmolas”. Ano 5 número 48. 2003. Porto Alegre. RS.

²⁹ Durante o festival, os cineastas elaboraram um texto ressaltando alguns pontos da política cultural, alegando que o destino dos recursos deve atender a interesses culturais e não a interesses de marketing das empresas, e que o filme brasileiro deve ter mais participação na TV.

³⁰ Em 2004, foram promovidas outras cinco oficinas nas temáticas da comunicação, em parceria com o Fórum das Escolas da Restinga, com o objetivo de capacitar em mídia impressa e audiovisual, rádio comunitária, informática e fotografia, envolvendo aproximadamente 50 jovens.

concepção desse equipamento multimeios, finalizando num Seminário³¹ onde foram definidas as estratégias de ação e escolhidos os conselheiros³².

Embora sob a chancela do poder público municipal, a gestão deste estúdio vem sendo disputada por segmentos juvenis que protagonizam estratégias de visibilidade comunicacional e midiática, o que também ajuda a compreender por que, para além do foco na organização social e política, esses equipamentos da política pública interferem diretamente em outros eixos norteadores da mobilização juvenil, isto é, as manifestações culturais, a dinâmica criminal e o midiático-comunicacional.

Considerações finais

Como podemos observar, estas in(ter)venções juvenis atuam desestabilizando modos de ação recorrentes na comunidade, ou seja, como reinvenção de territórios de comunicação-subjetividade colocando em circulação, simultaneamente, informação, conhecimento e protagonismo. Nesse sentido, levanto o seguinte questionamento: que qualidade de experiência comunicacional e midiática se produz na comunidade, que é capaz de gerar visibilidade e/ou invisibilidade humana e social?

A questão remete à análise dos processos midiáticos num contexto sócio-cultural distinto, no qual se pode ler a elaboração de novas subjetividades e sensibilidades juvenis, expressas nas “marcas³³” e na resignificação de espaços de interlocução, mais precisamente, nos espaços de agenciamento comunicacional e midiático.

As reflexões teóricas e os exercícios de análise perturbam e, ao mesmo tempo, mobilizam, a pesquisa, na perspectiva de evocar as vozes e as corporalidades das minorias juvenis, em particular os que atuam como produtores, agenciadores e gestores de mídias comunitárias e alternativas. Compreendo esse exercício como uma cartografia em construção, na qual o cartógrafo, na própria constituição do mapa, vai criando as características do território, mapeando não as conclusões, menos ainda as origens, mas a apreciação dos deslocamentos.

Referências Bibliográficas

ARENDDT, H. A condição humana. 4 ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1989.

³¹ Ocorreu nos dias 29 e 30/09/2003 e foi divulgado na comunidade, através de Folder e Cartaz, organizados pela Prefeitura.

³² Com a mudança na política governamental, na eleição municipal de outubro 2004, os conselheiros souberam que os antigos governantes não oficializaram em estatuto o formato de gestão deste equipamento público e, nesse momento, novamente, retomaram as negociações com os novos dirigentes da Prefeitura Municipal.

³³ O termo “marcas” é utilizado a partir da esquizoanálise, ou seja, cada marca tem a potencialidade de voltar a reverberar quando atraindo e é atraída por ambientes onde encontra ressonância. (Rolnik., S. 1993)

- BARBALHO, A. Minorias, Biopolítica e Mídia. Trabalho apresentado no Núcleo Comunicação e Cultura das Minorias. IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Porto Alegre: 2004.
- BORELLI, S. H. S. ROCHA, R. L. de M. Jovens Urbanos. Concepções de Vida e Morte, Experimentação da Violência, Consumo Cultural, Mídias e Novas Tecnologias. Trabalho apresentado no Núcleo Comunicação e Cultura de Minorias. IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. do Intercom. Porto Alegre: 2004.
- COGO, D.M.; SILVA, G.F. Da expressão do corpo à comunicação do cotidiano. In: DIDONÉ, I M. E MENEZES, J. E. DE O. (orgs.) *Comunicação e política: a ação conjunta das ONGs*. São Paulo: Paulinas, p. 87-100.
- DELEUZE, G. *Conversações*. Tradução Peter Pál Perbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G. PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- DIÓGENES, G. *Cartografias da Cultura da Violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop*. São Paulo: Annablume, Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.
- FAUSTO NETO, A. *Comunicação e mídia impressa. Estudo sobre a AIDS*. São Paulo: Hacker, 1999.
- FESTA, R. Movimentos Sociais, Comunicação Popular e Alternativa. In: FESTA, R. LINS E SILVA, C. E. (orgs.). *Comunicação alternativa e popular no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- FIALHO, V. A M. da S. Um espaço televisivo de formação e atuação musical. Pós-Graduação em Música. UFRGS. Porto Alegre: 2003. (dissertação de mestrado).
- FILÉ, V. Bem pra lá do fim do mundo – uma experiência de TV de rua/comunitária. In: *Bem Pra lá do fim do mundo – Histórias de uma experiência em Rancho Fundo, Baixada Fluminense, Rio de Janeiro*. CECCON. C. PAIVA. J (orgs.). Rio de Janeiro: Centro de Criação Imagem Popular - CECIP. 2000.
- FISCHER, R. M. B.. Adolescência em discurso – mídia e produção de subjetividade. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, 1996 (tese de doutorado)
- GOMES, P. COGO, D. (orgs.). *O adolescente e a televisão*. Porto Alegre: Unisinos/IEL, 1998.
- GORCZEWSKI, D. O *Hip-Hop* e a (In) visibilidade no cenário midiático. Programa de Pós-Graduação de Comunicação. São Leopoldo: UNISINOS. 2002. (dissertação de mestrado)
- _____. Juventude *Hip-Hop*: da escassez tecnológica às redes de informação e comunicação. In: PELLANDA, N., SCHLÜNZEN, E. SCHLÜNZEN, K. Jr. (orgs.). *Inclusão Digital – Tecendo Redes Afetiva/Cognitivas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.113-134.
- GORCZEWSKI, D. PELLANDA, N. A Engenharia do Laço Social sobre o Morro, In: PELLANDA, N. PELLANDA, E.C. (orgs.). *Ciberespaço: Um Hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. p. 169-186.

- GUATTARI, F. *Caosmose*. Rio de Janeiro: Editora. 34, 1992
- GUATTARI, F; ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996. 4ª Ed.
- HENN. R. e OLIVEIRA, C. S. A Violência juvenil: a imprensa foge desse debate. *Revista IHU ONLINE*. São Leopoldo. Ano 3. Nº 82. 2003. Unisinos.
- MACHADO, Arlindo. O vídeo e sua linguagem. In: *Revista USP*. Nº 16 - Dossiê Palavras/Imagem. São Paulo: Ed. da USP, 1992/1993.
- MARASCHIN, C. Redes de conversação como operadoras de mudanças estruturais na convivência. In: PELLANDA, N., SCHLÜNZEN, E. SCHLÜNZEN, K. Jr. (orgs.). *Inclusão Digital – Tecendo Redes Afetiva/Cognitivas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.135-143.
- MARTIN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003
- MATTA, M. C. De la cultura masiva la cultura mediática. *Diálogos de la Comunicación*. Lima: Felafacs. nº56, pp. 80-90, out., 1999.
- MATURANA, H. *Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG.1999.
- MATURANA, H. R. e VARELA, F. J. *El árbol del conocimiento: Las bases biológicas del entendimiento humano*. Santiago de Chile: Editora Universitária, 1990.
- _____. *De Máquinas e Seres Vivos : Autopoiese – A Organização do Vivo*. Porto Alegre: Editora Artmed. 1997.
- MELUCCI, A. *A Invenção do Presente. Movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis.RJ: Vozes, 2001.
- PERUZZO, C. Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária. Trabalho apresentado no NP Comunicação para a Cidadania. Belo Horizonte: V Encontro Núcleos de Pesquisa da Intercom 2003.
- _____. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. Petrópolis: Vozes. 1998
- POCHMANN.M. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAES. R. VANUCHI. P. (orgs.). *Juventude e Sociedade – Trabalho, educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Instituto da Cidadania. Editora Perseu Abramo 2004. p.217-241.
- ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético / estético / política. In: *Cadernos de subjetividade*. V. 1, n.2, p.241-251,1993.
- SOARES, L. E. e equipe da consultoria. Segurança Pública Municipal. Um Programa para Porto Alegre. In: *Relatório da Prefeitura Municipal de Porto Alegre*. 20 dez. 2001. Mimeogr.
- _____. Juventude e Violência no Brasil Contemporâneo. In: NOVAES. R. VANUCHI. P. (orgs.). *Juventude e Sociedade – Trabalho, educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Instituto da Cidadania. Editora Perseu Abramo 2004. p.130-159.
- TAVARES. J. V. RUSSO. M. Especialização das Violências em Porto Alegre – Cidade complexa e diferenciada. In: *Prefeitura de Porto Alegre e a Segurança Urbana*. 2003. p. 15-21.